




## C A P Í T U L O 10

# Entre o olhar dos pais e o espelho das redes: masculinidade e narcisismo na adolescência

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9241325010810>

**Gustavo Gouvêa de Moura**

Centro Universitário de Rio Preto - UNIRP

**Leonardo Roque**

Centro Universitário de Rio Preto - UNIRP

**Adriana Pagan Tonon**

Centro Universitário de Rio Preto - UNIRP

**RESUMO:** Este artigo discute as articulações entre parentalidade, redes sociais e formação da masculinidade na adolescência, considerando os efeitos subjetivos do narcisismo na contemporaneidade. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, descritiva e exploratória, baseada em produções científicas recentes (2015–2025) disponíveis em bases como SciELO, PePSIC e Google Acadêmico. As análises indicam que as redes sociais funcionam como espelhos digitais, oferecendo modelos de reconhecimento e validação que reforçam ideais de performance, sucesso e virilidade. Tais padrões, ao mesmo tempo que produzem pertencimento, intensificam conflitos identitários e fragilizam o eu adolescente. A parentalidade, por sua vez, revela-se elemento estruturante: vínculos afetivos consistentes e práticas parentais acolhedoras contribuem para uma integração psíquica mais sólida, enquanto ausências ou rigidez nas relações familiares amplificam a vulnerabilidade narcísica. Conclui-se que a constituição da masculinidade juvenil está imersa em um campo de forças entre o olhar parental e as pressões imagéticas das redes, exigindo reflexão crítica sobre as novas formas de subjetivação na cultura digital.

**Palavras-chave:** adolescência; parentalidade; redes sociais; masculinidade; narcisismo.

## Between the parents' gaze and the mirror of the networks: masculinity and narcissism in adolescence

**Abstract:** This article discusses the connections between parenting, social networks, and the formation of masculinity in adolescence, considering the subjective effects of narcissism in contemporary society. It is a qualitative, descriptive, and exploratory bibliographic study based on recent scientific publications (2015–2025) available in databases such as SciELO, PePSIC, and Google Scholar. The analyses indicate that social networks function as digital mirrors, offering models of recognition and validation that reinforce ideals of performance, success, and virility. These patterns, while fostering a sense of belonging, also intensify identity conflicts and weaken the adolescent self. Parenting, in turn, emerges as a structuring element: consistent emotional bonds and nurturing parental practices contribute to a more integrated psychic development, whereas absence or rigidity in family relationships amplify narcissistic vulnerability. It is concluded that the formation of juvenile masculinity is immersed in a field of tension between the parental gaze and the imagetic pressures of digital networks, highlighting the need for critical reflection on new forms of subjectivation in digital culture.

**Keywords:** adolescence; parenting; social networks; masculinity; narcissism.

### INTRODUÇÃO

A fase da adolescência é um período marcado por grandes mudanças, sendo estas questões tanto físicas, quanto emocionais, sociais e de identidade, ocasionando em um marco importante e crucial na vida desse jovem adolescente. De acordo com Jean Piaget em suas obras "*O Juízo Moral na Criança* (1932)" e "*A Psicologia da Criança* (1966, com Bärbel Inhelder)", entende-se que alguns processos são iniciados na infância e se desenvolvem mutualmente e em conjunto até na adolescência. Por exemplo, o fator mental, o desenvolvimento e maturação do sistema endócrino e nervoso desde a infância até os 16 anos, reforçando-se assim que estes processos são interligados.

Já nas questões interpretativas, abstratas e lógicas, enquadra-se nesse meio as formas de juízo e entendimento deste sujeito em relação a sociedade e ao mundo, partindo-se nos quesitos de vivências quando criança, sendo manejada pelos meios de autoridade que moldará as questões morais básicas para que, na adolescência, isto se evolua e adquira outros jeitos de entendimento através de sua identidade que, se prosperará por influências externas e internas, do qual como as externas afetará este adolescente será interpretada pelas questões internas do mesmo, no caso sua subjetividade e vivências, como destacado por Piaget (1977), ao afirmar que

o desenvolvimento moral e cognitivo ocorre por estágios progressivos, mediados pelas interações sociais e pela construção ativa do sujeito.

Durante este momento, o adolescente começa a interagir e explorar os papéis sociais que deseja assumir, utilizando as redes sociais como fonte de pesquisa, interação e socialização. Portanto, pode-se observar nelas um impacto profundo na vida dos adolescentes, desde interações individuais ou em comunidades, até a exposição pública, pode-se compreender que esta utilização como uma forma de se sentir presente e pertencente ao mundo. Essa interpretação é validada por Izzo (2023), que analisa como o consumo de redes sociais por jovens de 10 a 17 anos afeta sua subjetividade, destacando que a busca por pertencimento e validação nas plataformas digitais está relacionada à fluidez das identidades e à influência das redes sociais, desafiando conceitos tradicionais de individualidade e pertencimento. Assim, o contato com as redes também favorece a interação social e a autoexpressão dos adolescentes, possibilitando a construção de sua identidade. Conforme as redes promovem um ambiente que os jovens podem desenvolver conexões e visibilidade, elas também reforçam padrões de comportamento e aparência, especialmente relacionados à masculinidade e ao narcisismo.

A compreensão da masculinidade como uma construção sociocultural também é discutida por Caon (2024), ao analisar como o modelo patriarcal tradicional impõe normas rígidas que moldam os sujeitos do sexo masculino desde a infância. Segundo o autor, essas exigências sociais geram sofrimento psíquico ao vincularem o valor do homem à performance, à virilidade e ao domínio, o que pode se intensificar nos ambientes digitais. Nas redes sociais, tais construções ganham nova força, ao se tornarem palco de reafirmação de um ideal de masculinidade que busca validação externa constante, muitas vezes alinhado ao narcisismo e à necessidade de reconhecimento, perpetuando assim um ciclo de cobrança e alienação subjetiva.

Diante deste cenário, pode-se afirmar que a parentalidade desempenha um papel fundamental na construção da masculinidade durante a adolescência, influenciando diretamente a formação da identidade de gênero e os modos de subjetivação dos jovens. Segundo Oliveira e França (2019), o processo de identificação masculina envolve um paradoxo em que o menino, em uma relação de amor e rivalidade com a figura paterna, busca incorporar atributos associados à virilidade para legitimar sua posição sexuada. Essa dinâmica, marcada por ambivalências e contradições, é intensificada pelas expectativas parentais, que podem reforçar ideais rígidos de masculinidade. Tais pressões podem levar o adolescente a desenvolver comportamentos defensivos e a buscar validação externa, contribuindo para a manifestação de traços narcísicos. Assim, a compreensão das influências parentais é essencial para analisar os desafios enfrentados pelos adolescentes na construção de uma masculinidade saudável e autêntica.

Nessa situação, este trabalho propõe investigar como as redes sociais influenciam a construção da masculinidade e do narcisismo em adolescentes por meio de uma pesquisa bibliográfica. O tema justifica-se pela relevância crescente das redes sociais na vida juvenil, pelos impactos que podem causar no desenvolvimento psíquico e social dos jovens e também como a parentalidade acaba influenciando a forma do adolescente se perceber, se relacionar e se posicionar no mundo, tendo como base teórica os estudos do desenvolvimento psíquico na adolescência à luz da psicologia do desenvolvimento e da psicanálise, especialmente autores como Piaget, Freud e estudos contemporâneos sobre subjetividade e redes sociais.

## MÉTODOS

Este estudo configura-se como uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, descritiva e exploratória, cujo objetivo é analisar as influências das redes sociais na construção da masculinidade e do narcisismo em adolescentes, a partir de produções científicas publicadas. Conforme Gil (2008), a pesquisa bibliográfica permite um exame aprofundado de temas já investigados, possibilitando a ampliação do conhecimento com base em referenciais teóricos consolidados.

A opção pela abordagem qualitativa justifica-se pela natureza subjetiva e simbólica do fenômeno estudado. De acordo com Minayo (2014) e Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa busca compreender significados e interpretar processos complexos, sendo particularmente adequada para investigar dimensões psíquicas e identitárias da adolescência.

O levantamento bibliográfico envolveu a busca, leitura e análise crítica de materiais previamente publicados — artigos científicos, livros, dissertações e teses — nas bases SciELO, PePSIC e Google Acadêmico, privilegiando publicações recentes (2015–2025). Segundo Lakatos e Marconi (2017), esse tipo de pesquisa possibilita a sistematização do conhecimento existente e a identificação de convergências e lacunas teóricas, o que se mostra essencial para compreender fenômenos multifacetados, como as interações entre parentalidade, redes sociais e subjetividade juvenil.

## Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada por meio de buscas em sites acadêmicos, como: PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), SciELO (Scientific Electronic Library Online) e Google Acadêmico.

Foram utilizados os termos de pesquisas combinados: “adolescência”, “masculinidade”, “narcisismo”, “redes sociais”, “psicologia do desenvolvimento”, “autoimagem”, “parentalidade” e “comportamento digital”.

Inicialmente, o recorte temporal escolhido foi de 2015 a 2025, contemplando os estudos mais recentes sobre o tema. A seleção privilegiou publicações em língua portuguesa, com ênfase na realidade brasileira.

## **Crítérios de Inclusão**

Foram utilizados textos acadêmicos publicados em periódicos reconhecidos, que abordem a relação entre adolescência, redes sociais, masculinidade e/ou narcisismo. Serão priorizadas produções com abordagem teórica, que visam discutir, aprofundar ou propor compreensões conceituais sobre os temas investigados, sem necessariamente envolver coleta de dados empíricos, servindo como base para construção e articulação de conceitos (Gil, 2008). Também serão incluídas produções em formato de revisão integrativa, que consiste em um método de pesquisa que reúne e sintetiza resultados de estudos anteriores, permitindo uma visão mais ampla, crítica e compreensiva sobre determinado fenômeno, ao integrar diferentes achados e perspectivas (Botelho, Cunha & Macedo, 2011).

## **Crítérios de Exclusão**

Trabalhos que não abordem diretamente os conceitos centrais da pesquisa, artigos de opinião ou textos não científicos e publicações repetidas nas bases.

A análise dos dados foi direcionada com base na leitura crítica e interpretativa dos textos, relacionando-os com os referenciais teóricos da psicologia, a fim de compreender as dinâmicas contemporâneas que envolvem os adolescentes no contexto digital.

Diante disto, obteve-se da pesquisa bibliográfica tal levantamento de artigos científicos:

Autor(es)/Título/Ano	Objetivos	Incluso
BARBOSA, C. G.; CAMPOS, E. B. V.; NEME, C. M. B., "Narcisismo e desamparo: algumas considerações sobre as relações interpessoais na atualidade.", 2021.	Este artigo tem como objetivo a interpretação, no âmbito psicanalítico, a formação do narcisismo a partir do desamparo e sua dimensão traumática no sujeito.	SIM
CAMPOS, M. T. DE A.; TILIO, R. D., "Formações discursivas de pais heterossexuais sobre parentalidade.", 2024.	Este artigo tem como objetivo a investigação de como é a propagação discursiva dos pais heterossexuais com seus filhos em relação a formação de relacionamento, gênero e afins.	SIM
CAON, M., "Crise da masculinidade, emergência das subjetividades e a psicanálise.", 2024.	Este artigo tem como objetivo a identificação da autoimagem do adolescente, como ela se forma e como a sociedade e os padrões atuais exercem de influência naquele adolescente para ter o corpo e a imagem "necessária" socialmente.	SIM
GOMES, A. C. D. C.; PEDROSA FILHO, R. B. D. A.; TEIXEIRA, L. C., "NEM VER, NEM OLHAR: VISUALIZAR! SOBRE A EXIBIÇÃO DOS ADOLESCENTES NAS REDES SOCIAIS.", 2021.	Este artigo tem como objetivo a investigação da exposição dos adolescentes nas redes sociais e, com base em Lacan, entende-se como a cultura influencia na formação da autoimagem e no processo narcisístico daquele adolescente.	SIM
IZZO, T. C., "Adolescências contemporâneas: a relação entre o consumo das redes sociais e os modos de subjetivação de adolescentes de 10 a 17 anos.", 2023.	Este artigo tem como objetivo analisar o impacto das redes sociais na subjetividade dos adolescentes entre 10 e 17 anos, analisando as consequências do consumo dessas plataformas em alguns aspectos de seu desenvolvimento psíquico nessa fase.	SIM

Lima, M. O. F. F., Costa, C. B., Pasinato, L., & Mosmann, C. P., "Sintomas de ansiedade e depressão em crianças: Associações com o funcionamento familiar.", 2024.	Este artigo tem como objetivo estudar a influência da ansiedade e da depressão nas relações dos adolescentes, avaliando a correlação e o poder preditivo dos fatores da parentalidade e da coparentalidade nos adolescentes.	SIM
MOREIRA, J. DE O.; OLIVEIRA, N. A., "Da hipótese de uma adolescentização generalizada e seus desafios para a educação.", 2017.	Este artigo tem como objetivo a investigação e desenvolvimento do narcisismo e individualismo enquanto fenômenos sociais e os possíveis impasses impostos por este cenário à educação formal dos adolescentes.	SIM
OLIVEIRA, A. A. B.; FRANÇA, C. P., "De pai para filho: o paradoxo fundamental da masculinidade.", 2019.	Este artigo tem como objetivo a explicação da exposição exacerbada da masculinidade que o pai transmite ao filho desde o estágio pré-edipiano até à adolescência.	SIM
OLIVEIRA, M. R. DE.; MACHADO, J. S. DE A., "O insustentável peso da autoimagem: (re)apresentações na sociedade do espetáculo.", 2021.	Este artigo tem como objetivo discutir como a sociedade do espetáculo influencia a construção da autoimagem, destacando os efeitos das (re)apresentações sociais na subjetividade.	SIM

## RESULTADOS

Entre os artigos escolhidos, 8 de 12 aparecem com olhar da psicanálise e evidenciaram como as redes sociais e os estilos parentais contemporâneos atuam de forma decisiva na constituição psíquica dos adolescentes. Pode-se perceber isto, especialmente na construção da masculinidade e no fortalecimento de traços narcisistas, o qual é caracterizado por uma preocupação excessiva com a autoimagem e pela dependência da admiração alheia.

De acordo com Gomes, Pedrosa Filho e Teixeira (2021), observa-se, uma crescente supervalorização da imagem em detrimento da experiência subjetiva. Nesse cenário, a visualização e a performance ganham prioridade sobre a vivência real, o que contribui para uma relação distorcida dos adolescentes com o próprio corpo e com os outros. A necessidade de exibir uma versão idealizada de si nas redes sociais,

constantemente moldada para agradar e receber validação, acaba por enfraquecer o contato autêntico com os próprios sentimentos e com as experiências concretas do cotidiano.

## **Parentalidade e suporte emocional: Ambivalência e ausências**

A parentalidade se configura como um fator determinante na constituição do psiquismo adolescente. A presença emocional dos pais e a qualidade da comunicação influenciam diretamente a construção da autoestima, da autoimagem e da autonomia emocional. Veludo e Viana (2012) reforçam que o vínculo afetivo saudável serve de base para o desenvolvimento da identidade e da resiliência.

Contudo, em muitos contextos, como indicam Lima et al. (2024), a disfuncionalidade familiar contribui para o aumento de sintomas como ansiedade e depressão entre crianças e adolescentes. A ausência ou a rigidez emocional dos pais, aliada à idealização social de um “homem forte e contido”, inibe a expressão emocional e fomenta dificuldades na construção de vínculos saudáveis.

No que diz respeito à parentalidade, Campos e Tilio (2024) mostram como pais heterossexuais reproduzem discursos tradicionais de gênero que reforçam modelos rígidos de masculinidade. Tais modelos dificultam o desenvolvimento emocional saudável, restringindo a expressão afetiva dos meninos e naturalizando posturas de dominação, competitividade e repressão emocional. Essa configuração é discutida também por Oliveira e França (2019), ao descreverem o paradoxo da masculinidade: enquanto os pais tentam se afastar de modelos autoritários, frequentemente recaem sobre práticas ambivalentes, o que intensifica os conflitos psíquicos nos adolescentes.

A fragilidade emocional e os sintomas internalizantes, como ansiedade e depressão, são efeitos colaterais frequentes em ambientes familiares disfuncionais, como evidenciado por Lima et al. (2024). O suporte parental, ou sua ausência, tem impacto direto sobre a estruturação do narcisismo e sobre os modos pelos quais os adolescentes enfrentam os desafios impostos pelas redes e pelos papéis de gênero. Veludo e Viana (2012) apontam que o desenvolvimento psíquico está intimamente relacionado à qualidade do vínculo parental, confirmando a relevância da função materna e paterna na constituição do eu.

## **Redes sociais e o espelho digital: Narcisismo, imagem e aprovação**

Em relação às redes sociais, os artigos defendem que a hiperexposição a elas, como apontam Gomes, Pedrosa Filho e Teixeira (2021), promove um espaço de validação visual e simbólica, onde os adolescentes constroem suas identidades a



partir do olhar do outro, favorecendo o narcisismo em sua vertente mais frágil, marcado por uma constante necessidade de reconhecimento externo.

Izzo (2023) reforça essa lógica ao destacar que os modos de subjetivação juvenil estão cada vez mais mediados por práticas digitais de exibição, o que está intimamente ligado ao que Oliveira e Machado (2021) denominam como o “peso da autoimagem” na sociedade do espetáculo. Esse processo, segundo Falcão (2014), retoma a noção freudiana do narcisismo como estrutura fundante da psique, mas que, nas sociedades atuais, se encontra exacerbado e fragilizado, ou seja, gerando sujeitos inseguros e dependentes da aprovação alheia.

As redes sociais funcionam como plataformas de espelhamento narcísico, onde o adolescente busca incessantemente validação externa. De acordo com Gomes, Pedrosa Filho e Teixeira (2021), há uma supervalorização da imagem em detrimento da experiência subjetiva. A visualização e a performance se sobrepõem à vivência, distorcendo a relação com o próprio corpo e com os outros.

Falcão (2014) e Kancyper e Berliner (2013) elucidam que o narcisismo, enquanto estrutura básica do desenvolvimento psíquico, torna-se patológico quando não encontra limites e contenções simbólicas adequadas. No contexto das redes, essa contenção é substituída por algoritmos que reforçam padrões de sucesso e beleza, promovendo a alienação subjetiva.

## **Redes sociais e a subjetivação, performance e adolescentização da cultura**

A constante necessidade de performar uma identidade coerente, interessante e bem-sucedida nas redes sociais contribui para o que Moreira e Oliveira (2017) denominam “adolescentização da cultura”, termo este, que será melhor esclarecido adiante. Nesse contexto, os próprios adultos passam a competir simbolicamente com os jovens, reforçando a imaturidade coletiva e o apagamento de referências adultas sólidas.

Izzo (2023) destaca que os modos de subjetivação juvenil estão cada vez mais fragmentados e regidos por modelos de visibilidade digital. O adolescente constrói sua identidade em meio à efemeridade, ao consumo de imagens e ao esvaziamento simbólico de vínculos, o que acentua a sensação de vazio e desamparo descrita por Barbosa, Campos e Neme (2021). Esse vazio não é apenas uma ausência de sentido, mas um sentimento constante de insuficiência e desconexão consigo mesmo e com o outro. Na busca por pertencimento e validação, os adolescentes muitas vezes se deparam com relações superficiais e transitórias, que não oferecem suporte afetivo e duradouro. Como resultado, emergem sentimentos de solidão, ansiedade e uma

dificuldade crescente em construir uma identidade sólida e coerente, marcada por vínculos significativos e experiências compartilhadas.

A crise da masculinidade, analisada por Caon (2024), representa um ponto de reflexão importante: os adolescentes se veem entre modelos antigos em decadência e novas possibilidades ainda pouco estruturadas. Esse vácuo simbólico, potencializado pela adolescentização da cultura (Moreira e Oliveira, 2017), cria sujeitos em constante busca de sentido e reconhecimento, configurando uma identidade instável e vulnerável. A adolescentização da cultura refere-se à valorização exagerada de traços típicos da adolescência, como a impulsividade, a busca por visibilidade, a rejeição da autoridade e a priorização do prazer imediato o que passam a ser adotados amplamente na sociedade, inclusive por adultos. Esse fenômeno enfraquece as referências sólidas de amadurecimento e estabilidade, contribuindo para a dificuldade dos jovens em construir modelos de identificação e pertencimento consistentes.

Ampliando esta perspectiva, observa-se uma valorização excessiva de características típicas da adolescência, como a busca por novidade, impulsividade e necessidade de aceitação, que passam a moldar comportamentos sociais em diferentes faixas etárias. Esse fenômeno, que Moreira e Oliveira (2017) denominam de “adolescentização da cultura”, contribui para a formação de sujeitos marcados pela imaturidade emocional e pela dificuldade de lidar com frustrações, já que o imediatismo e a aparência se tornam centrais nas relações interpessoais e na construção da identidade. Nesse sentido, Izzo (2023) aponta que as práticas digitais contemporâneas reforçam essa lógica de valorização do efêmero e da visibilidade, enquanto Caon (2024) destaca que tal processo intensifica a crise da masculinidade e fragiliza as referências simbólicas necessárias à constituição de um self estável.

## A Construção da Masculinidade na Contemporaneidade

A masculinidade, tradicionalmente baseada em normas rígidas de poder, força e invulnerabilidade, tem sido desafiada por novas formas de subjetivação. Segundo Caon (2024), vivemos uma crise da masculinidade, que se traduz na oscilação entre padrões tradicionais e novos modelos mais fluidos. Esse processo, longe de ser pacífico, gera instabilidade identitária nos adolescentes, que se sentem pressionados a corresponder tanto às expectativas normativas quanto aos ideais performáticos disseminados nas redes sociais.

Campos e Tilio (2024) destacam que pais heterossexuais, mesmo quando conscientes da necessidade de mudança, muitas vezes reproduzem discursos que reforçam masculinidades hegemônicas. Oliveira e França (2019) também abordam esse paradoxo, mostrando que os homens tendem a reproduzir, mesmo inconscientemente, padrões que aprenderam durante sua própria formação.

## Análise

A análise dos dados coletados evidência que a construção da masculinidade e do narcisismo em adolescentes é resultado de uma rede complexa de influências, nas quais a parentalidade e as redes sociais se apresentam como elementos centrais na construção do narcisismo.

As construções de gênero continuam a delimitar espaços simbólicos e reais. Oliveira e Machado (2021) discutem o “peso insustentável da autoimagem”, demonstrando como os adolescentes internalizam expectativas sobre o corpo e o comportamento, o que alimenta comparações constantes e a necessidade de corresponder a um ideal inalcançável. Esse fenômeno se acentua em meninos que, além de corresponderem à imagem do “macho viril”, precisam também demonstrar controle emocional, sucesso e poder, o que pode gerar colapsos internos.

Do ponto de vista psicanalítico, Freud (1914/2010) descreve o narcisismo como uma etapa fundamental do desenvolvimento psíquico, onde o investimento libidinal está voltado para o próprio Eu. Quando as condições ambientais, como o suporte emocional parental, são favoráveis, o narcisismo primário evolui de forma saudável, permitindo assim a construção de um senso de identidade estável. Entretanto, na ausência de contenção e de modelos identificatórios compreensíveis, há o risco de um narcisismo fragilizado, dependente de validação externa e propenso à formação de uma autoimagem distorcida.

Neste ponto, Veludo e Viana (2012) reforçam que a qualidade do vínculo parental e a disponibilidade afetiva dos cuidadores são determinantes para o desenvolvimento emocional. Um vínculo consistente atua como um “continente” simbólico, capaz de sustentar a subjetividade em momentos de insegurança e frustração. No entanto, quando o ambiente familiar é marcado por rigidez, ausência ou comunicação precária, os adolescentes possuem uma tendência a buscar nas redes sociais um espaço de reconhecimento e pertencimento, o que pode intensificar a dependência de aprovação, a qual as redes sociais oferecem aos adolescentes, através de uma exposição exacerbada que resulta na aprovação de terceiros, o que Gomes, Pedrosa Filho e Teixeira (2021), chamam de validação visual e simbólica, onde os adolescentes constroem suas identidades a partir do olhar do outro, favorecendo o narcisismo em sua vertente mais frágil, marcado por uma constante necessidade de reconhecimento externo.

As redes sociais funcionam como verdadeiros espelhos digitais e espaços de validação, observa-se que tais plataformas oferecem recursos para que o usuário selecione os aspectos mais convenientes de si mesmo, moldando a própria apresentação de acordo com o contexto, o grupo e os interesses envolvidos, afirma ROSA; SANTOS, 2013, 2014 apud ROSA, 2015. Esse processo favorece uma

representação estetizada do self, em que o indivíduo constrói uma imagem idealizada e estrategicamente editada, ocultando traços de sua personalidade ou de seu caráter que considera indesejáveis para determinado público.

Tal dinâmica, conforme descrevem Goffman (1975/2009 apud ROSA, 2015), remete a uma “encenação” social, na qual a identidade é performada a partir de escolhas calculadas sobre o que expor e o que omitir. Essa constante curadoria da própria imagem não apenas intensifica o narcisismo frágil descrito por Falcão (2014), como também reforça os padrões de masculinidade hegemônica que, ao mesmo tempo que prometem pertencimento e aceitação, impõem pressões estéticas e comportamentais que fragilizam a construção de uma identidade autêntica.

O processo descrito por Freud (1909 [1908]/1996), no qual a adolescência implica um movimento de separação da autoridade parental e elaboração das fantasias que compõem o “romance familiar do neurótico”, conecta-se diretamente às dinâmicas contemporâneas analisadas neste trabalho. Ao cortar simbolicamente o vínculo de dependência imaginária com os pais, o adolescente busca novas referências de pertencimento e validação dentro do laço social, movimento que, como apontam Rassial (1997) e Alberti (2009), é estruturante para a constituição de uma identidade mais autônoma.

Contudo, na contemporaneidade, esse deslocamento do eixo familiar para o social é muitas vezes mediado pelas redes digitais, que funcionam como instâncias de olhar e reconhecimento. Gomes, Pedrosa Filho e Teixeira (2021) destacam que as plataformas virtuais se tornaram espaços privilegiados de exibição e validação, nos quais a identidade é construída a partir do olhar do outro. Nessa lógica, o “Outro” que outrora se configurava majoritariamente nas figuras parentais passa a se expressar também na forma de um público virtual, cujos critérios de aceitação e valorização moldam tanto a autoimagem quanto a vivência da masculinidade. Esse fenômeno se intensifica na sociedade do espetáculo descrita por Oliveira e Machado (2021), na qual a visibilidade passa a ser sinônimo de valor e existência subjetiva, reforçando ou fragilizando o narcisismo conforme a natureza dessas interações.

Os dados analisados confirmam que a parentalidade exerce um papel protetor ou agravante nesse processo, uma vez que pais que oferecem acolhimento emocional, abertura para o diálogo e incentivo à expressão afetiva tendem a favorecer uma construção de masculinidade mais flexível e autêntica. Por outro lado, quando prevalecem discursos e práticas que reforçam a masculinidade soberana, que muitas vezes é marcada pela repressão emocional, competitividade e necessidade de dominação, o adolescente torna-se mais vulnerável às armadilhas do narcisismo frágil estimulado pelas redes sociais (Campos & Tilio, 2024; Oliveira & França, 2019), evidenciando a importância da qualidade do vínculo parental no desenvolvimento psíquico e identitário.

## CONCLUSÃO

Conforme abordado no presente artigo, a análise realizada evidencia que a construção da masculinidade e do narcisismo na adolescência se dá por um entrelaçamento complexo entre a parentalidade e o uso das redes sociais. Os dados encontrados indicam que a presença afetiva e o suporte parental constituem fatores de proteção ao desenvolvimento psíquico, enquanto a ausência ou rigidez nesse vínculo favorece a fragilidade narcísica e a busca por reconhecimento em espaços externos, especialmente no ambiente digital (Campos & Tilio, 2024; Oliveira & França, 2019). Nesse contexto, as redes sociais atuam como instâncias de validação e espelhamento, nas quais os adolescentes constroem suas identidades com base no olhar do outro, reforçando a dependência de aprovação e a oscilação entre idealização e insegurança (Gomes, Pedrosa Filho & Teixeira, 2021; Izzo, 2023).

Com isto, temos as redes sociais atuando como espelhos contemporâneos que potencializam tanto a construção quanto a distorção da identidade. Ao mesmo tempo em que possibilitam expressão, pertencimento e socialização, também reforçam ideais estéticos, padrões rígidos de masculinidade e a necessidade incessante de validação (Gomes, Pedrosa Filho & Teixeira, 2021; Oliveira & Machado, 2021). Tais dinâmicas tornam-se ainda mais intensas quando há ausência ou fragilidade do vínculo parental, momento em que o jovem, carente de reconhecimento e acolhimento, busca nas redes sociais o espaço simbólico que deveria encontrar nas relações familiares (Campos & Tilio, 2024). Como aponta Izzo (2023), o uso exacerbado das redes como refúgio emocional reflete uma tentativa de preencher o vazio deixado pela falta de continência afetiva, levando o adolescente a perseguir padrões idealizados e inatingíveis impostos pela lógica da visibilidade digital.

Como observado em Gomes, Pedrosa Filho e Teixeira (2021), esse processo gera uma supervalorização da imagem em detrimento da experiência subjetiva, o que contribui para relações distorcidas com o próprio corpo e com os outros, gerando assim a distorção do eu interno com a projeção do idealismo e perfeccionismo impostos pelas redes sociais. Nesse cenário, observa-se uma intensificação de conflitos internos, marcados por sentimentos de inadequação, comparações constantes e dependência da aprovação alheia para ser visto e aceitado por alguém, para assim encontrar um momento de refúgio e não vivenciar a experiência de abandono novamente, fazendo o que for preciso para ser aceito e compreendido em alguma comunidade, entrando-se em uma nova realidade e conceitos dos quais não condiziam com seu eu, mas para não ser rejeitado, fragmenta-se e adapta-se para incluir-se e pertencer-se naquele lugar.

Pode-se compreender que, a parentalidade desempenha um papel central na intermediação desses processos, podendo oferecer continência simbólica e afetiva, na qual fortalece a autonomia e a identidade do adolescente frente às pressões

sociais e digitais. Veludo e Viana (2012) reforçam a qualidade do vínculo parental e a disponibilidade afetiva dos cuidadores como fator determinante para o desenvolvimento emocional, funcionando como base estruturante para a subjetividade. A ausência desse apoio, somada ao excesso de estímulos performáticos das redes, resulta em um narcisismo fragilizado e em masculinidades instáveis, ausentando-se assim do Eu ideal e mergulhando em conflitos constantes desse montante de estímulo das redes em um curto período de tempo, ocasionando o colapso interno e o choque entre influências do meio externo faz com que a fragilidade do Eu ideal se intensifique e gera a busca daquele indivíduo em refugiar-se nas redes sociais como forma de visibilidade e aceitação.

Portanto, propõe-se a promover reflexões sobre práticas parentais e sobre o impacto das redes sociais na adolescência. Tal discussão contribui para o campo da Psicologia ao destacar a necessidade de estratégias que auxiliem jovens e famílias a construir vínculos mais saudáveis e duradouros, capazes de sustentar identidades mais autênticas e menos dependentes da comparação com modelos rígidos de gênero e da constante aprovação externa (Campos & Tilio, 2024; Oliveira & França, 2019). Além disso, como indicam Izzo (2023) e Gomes, Pedrosa Filho & Teixeira (2021), o fortalecimento do vínculo afetivo e o reconhecimento das emoções são elementos fundamentais para que o adolescente desenvolva um eu mais estável e seguro diante das pressões digitais. Nesse sentido, a flexibilidade e a abertura ao diálogo nas relações parentais favorecem um ambiente de confiança e acolhimento, no qual o jovem se percebe apoiado, mas também livre para construir sua autonomia e amadurecimento de forma autêntica e não impositiva.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, C. G.; CAMPOS, E. B. V.; NEME, C. M. B. *Narcisismo e desamparo: algumas considerações sobre as relações interpessoais na atualidade*. Psicologia USP, v. 32.
- BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A.; MACEDO, M. *O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais*. Gestão e Sociedade, v. 5, n. 11, p. 121–136, 2011.
- CAMPOS, M. T. de A.; TILIO, R. D. *Formações discursivas de pais heterossexuais sobre parentalidade*. Psicologia USP, v. 35.
- CAON, M. *Crise da masculinidade, emergência das subjetividades e a psicanálise*. Revista Intercâmbio Psicanalítico, n. 42, 2024.

CORDEIRO, Leonardo Húngaro; SANTOS, Lorena Caroline Romano; SILVA, Renan Sarto da; GOMES, Geni Col. Um olhar psicanalítico sobre a influência das redes sociais na constituição da autoimagem do adolescente. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, [S. l.], v. 8, n. 11, p. 1368–1381, 2022. DOI: 10.51891/rease.v8i11.7729. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/7729>. Acesso em: 11 ago. 2025.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FALCÃO, L. *Cem anos de narcisismo: aquém da psicanálise e além de Freud*. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 48, n. 3, p. 41-56, set. 2014. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2014000300005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2014000300005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 maio 2025.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, A. C. D. C.; PEDROSA FILHO, R. B. A.; TEIXEIRA, L. C. *Nem ver, nem olhar: visualizar! Sobre a exibição dos adolescentes nas redes sociais*. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 24, n. 1, p. 91–99, jan. 2021.

IZZO, T. C. *Adolescências contemporâneas: a relação entre o consumo das redes sociais e os modos de subjetivação de adolescentes de 10 a 17 anos*. 2023. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

KANCYPER, L.; BERLINER, C. *As transferências na psicanálise com crianças e adolescentes: narcisista, edípica, fraterna e a amizade de transferência*. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 159-173, mar. 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2013000100014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2013000100014&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 maio 2025.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LIMA, M. O. F. F.; COSTA, C. B.; PASINATO, L.; MOSMANN, C. P. *Sintomas de ansiedade e depressão em crianças: associações com o funcionamento familiar*. *Psicologia: Ciência e Profissão*.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOREIRA, J. de O.; OLIVEIRA, N. A. *Da hipótese de uma adolescentização generalizada e seus desafios para a educação*. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 21, n. 3, p. 533–540, set. 2017.

OLIVEIRA, A. A. B.; FRANÇA, C. P. *De pai para filho: o paradoxo fundamental da masculinidade*. Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina, v. 10, n. 1, p. 83–106, 2019.

OLIVEIRA, M. R. de; MACHADO, J. S. de A. *O insustentável peso da autoimagem: (re)apresentações na sociedade do espetáculo*. Ciência & Saúde Coletiva, v. 26, n. 7, p. 2663–2672, jul. 2021.

PIAGET, J. *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summus, 1977.

PIAGET, J.; INHELDER, B. *A psicologia da criança*. 5. ed. São Paulo: Difel, 1993.

VELUDO, C. M. B.; VIANA, T. de C. *Parentalidade e o desenvolvimento psíquico na criança*. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 22, n. 51, p. 111–118, jan. 2012.